Ano VII — Lisboa, Maio de 1951 — N.º 73

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
AJUDA — LISBOA

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Marechal António Óscar de Fragoso Carmona

A morte do Sr. Presidente da República, ocorrida em 18 de Abril findo, é acontecimento infausto que nenhum português ignora. Não vimos, por isso, dar uma notícia, mas juntar a manifestação do pesar do «Sempre Pronto» às expressões doridas do povo português. Os escoteiros contraíram uma grande dívida de gratidão para com o Sr. Marechal Carmona, que lhes votou sempre a maior estima e simpatia. Mesmo nas horas de ingrata incompreensão para com o Escotismo, sempre que os escoteiros compareciam a saudar o Sr. Presidente da República, eram recebidos com um sorriso carinhoso de simpatia.

Como nos referimos noutro artigo, já escrito no momento do falecimento do Chefe do Estado, o seu apreço pelo nosso Movimento foi mais uma vez posto em relevo quando em Setembro último recebeu no Palácio de Belém os Comissários Internacionais. E, se isto não bastasse para comprovar a simpatia pelo Escotismo, poderíamos ainda acrescentar que os próprios netos de Carmona foram Escoteiros de Portugal.

As duas associações escotistas portuguesas associaram-se às manifestações prestadas ao ilustre defunto, tendo comparecido os seus dirigentes no Palácio da Assembleia Nacional no dia 27, às 16 horas. Contingentes das duas associações, num total de 250 rapazes, acompanhados do Sr. Eng.º Nobre Santos, Presidente da A. E. P.; Vítor Lima Santos, Secretário das Relações Inacionais do C. N. E.; Ernesto Clímaco do Nascimento, Chefe Regional do Centro da A. E. P.; e muitos outros dirigentes de ambas as associações. O contingente estacionou na Avenida da Índia, tendo-se incorporado no funeral logo após a representação da M. P., sendo muito apreciado o aprumo com que os escoteiros se apresentaram.

O ESCOTISMO NAS COLÓNIAS

DESFAZENDO UM EQUÍVOCO

De diferentes pontos das nossas províncias ultramarinas chegam constantemente pedidos para organizar-grupos de escoteiros e, nalguns pontos mesmo, surgem já agrupamentos que, sem carácter oficial, realizam actividades escotistas e agrupam os antigos escoteiros. Apesar disso, porém, a Direcção da A. E. P. não tem dado aprovação oficial para que se constituam novos grupos, no convencimento de que isso contraria o Decreto n.º 29.453 de 17 de Fevereiro de 1939. Contudo, trata-se simplesmente de um equívoco. O Escotismo não está nem nunca esteve proibido nas colónias. O decreto citado, que estabeleceu a Organização Nacional da Mocidade Portuguesa nos nossos territórios ultramarinos, determinou no Artigo 36.º: — *A data da entrada em vigor do presente decreto consideram-se extintos todos os grupos de escoteiros existentes nas colónias».* Certamente que esta determinação teve apenas em vista facilitar a constituição de Centros da M. P., não atingindo os Serviços Regionais das Associações Escotistas. Nada impede, portanto, que se constituam novos grupos, visto que o referido Decreto a isso se não parece opor.

Dificilmente se poderá admitir interpretação diferente, se tivermos em conta a situação e o prestígio que o Movimento Escotista goza no Continente, contando com a protecção das entidades oficiais, reconhecido benemérito, de utilidade pública, tendo o apoio do Comissário Nacional da M. P., manifestado já por diversas vezes e de maneira inequívoca. Como se poderá compreender que um Movimento assim estimado no Continente possa ser repudiado no Ultramar?

Portugal continental e ultramarino constitui hoje uma nação una, províncias de um mesmo país, habitadas por filhos da mesma pátria. Uma distinção desta natureza, proibindo-se numas províncias o que se permitia e ajudava noutras, seria um atentado contra essa mesma unidade e tal intenção não pode estar, nem está certamente, no ânimo das autoridades.

Ainda em Setembro passado, o mais alto magistrado da Nação, o Sr. Presidente da República, afirmou aos membros do Conselho Internacional de Escotismo o seu muito apreço pelo Movimento, a sua alegria por se terem efectuado em Portugal as reuniões internacionais e formulou os melhores votos pelo desenvolvimento e engrandecimento do Escotismo.

Por ocasião destas mesmas reuniões, os membros do Conselho Internacional reuniram-se num jantar íntimo com alguns antigos escoteiros, que hoje ocupam funções no próprio Governo e altos organismos do Estado, tendo sido feitas iguais afirmações de confiança no Escotismo.

Se no Continente o Escotismo conta com a simpatia e apoio das mais altas esferas do Estado, como se pode duvidar de que isso não suceda igualmente nas nossas províncias ultramarinas? Não, o Escotismo não tem estado proibido nas Colónias, trata-se de um equívoco, de má interpretação de um simples artigo de um decreto antigo, que a prática e o uso esclarecem em melhor sentido.

Em Angola e Moçambique há elementos interessados em constituir novos grupos de escoteiros. Não há razão para que se protele por mais tempo a autorização para que esses agrupamentos funcionem oficialmente. Daqui apelamos para a Direcção dos Escoteiros de Portugal, solicitando que estude devidamente este assunto, e atenda o pedido dos nossos camaradas ultramarinos. Assim o exige o prestígio do Movimento e o interesse de Portugal, que poderá ser servido no Escotismo ultramarino, que em épocas passadas prestou já bons serviços e foi próspero em Luanda, Lourenço Marques, Beira, Goa e outras terras do Império.

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os escoteiros fumar?

Mais dois depoimentos sobre este inquérito que tanto interesse tem despertado

«Se conseguirmos evitar que muitos dos nossos escoteiros se libertem ou não sejam conquistados por este vício (do fumo), teremos prestado um bom serviço a eles próprios, aos seus filhos, e ao País»—afirma o Antigo Escoteiro Carlos Neto.

Não tencionava responder ao inquérito do «*S. P.*» sobre o vício do fumo, mas os dois depoimentos publicados no último número obrigaram-me a sair do meu silêncio; que me perdoem os dirigentes do nosso simpático mensário.

Em defesa do vício dizia o Sr. Sequeira:

1.º — Que, se o tabaco era um veneno, o arsénico também o era e que, apesar disso, fazia parte de muitos remédios. Que pobre argumento, meu Amigo. O arsénico e outros produtos tóxicos fazem parte de alguns medicamentos, mas em doses estudadas e para serem tomados em períodos curtos e em casos especiais. Não vá agora o Sr. Sequeira substituir o tabaco por arsénico!...

2.º — O tabaco dá pão a muitos lares? — Não, meu Amigo. Para manipular o tabaco perde-se o trabalho de muitos braços, que se o vício do fumo não existisse, poderiam empregar o seu esforço na produção de artigos úteis à humanidade e continuariam a ganhar o pão, com a vantagem de enriquecerem o país, produzindo. O que o tabaco faz é drenar para fora do país muitos, mas muitos milhares de contos e contribuir para enriquecer ainda mais certos magnates internacionais da indústria do tabaco.

3.º — Os velhos lobos do mar vivem muitos anos. Não são os fumadores que vivem muitos anos, são os homens do mar. Certamente porque a sua actividade saudável lhes prolonga a vida, se é que eles têm mais longa vida que os outros homens. E se eles não fumassem não viveriam ainda mais?

4.º—Os médicos fumam—aqueles que fumam, está claro—porque humanos como são se deixam escravizar pelo vício. Mas a prova de que esse vício é pernicioso é que constantemente aconselham os seus doentes a não fumarem e felicitam aqueles que o não fazem.

Claro que cada escoteiro deve ser livre na escolha, fumar ou não fumar; no escotismo tudo é voluntário, mas se não fumarem—e não devem fumar—só lucrarão com isso em saúde e dinheiro.

* * *

O nosso escoteiro Estêvão da Silva foi um bocado confuso no seu depoimento. Reconhece todos os inconvenientes do tabaco, entende que o escoteiro não deve fumar, mas para agradar a *gregos e troianos* concluí que aqueles que fumam podem continuar a fumar «sem prejuízo para com o 9.º artigo da nossa Lei». Não, meu caro Escoteiro, se chegamos às conclusões, que o meu Amigo chega, de que o vício do fumo afecta gravemente o organismo humano, então o escoteiro não deve fumar, e fumar será um atentado contra a sua dignidade e contra o 10.º artigo da Lei, que é o resumo de todo o nosso Decálogo.

* * *

Não acredito na possibilidade de conseguir que se perca o péssimo hábito de fumar. É vício inveterado e elegante. Mas em Portugal não é onde mais se fuma. Se conseguirmos evitar que muitos dos nossos escoteiros se libertem ou não sejam conquistados por este vício, teremos prestado um bom serviço a eles próprios, aos seus filhos, e ao País.

CARLOS NETO
Antigo Escoteiro

O E. C. D. António Álvaro Dória, colaborador efectivo do nosso jornal, que os nossos leitores conhecem, declara que «Um Escoteiro não pode, nem DEVE, ter vícios, sempre consequência do naufrágio da vontade».

Meu prezado camarada:

Felicito-o vivamente pelo seu inquérito acerca do tabaco, que tão lisonjeiro acolhimento teve, evidentemente, da parte dos que... não fumam. De facto, têm sido esses quem tem acorrido a depor. E para que a regra se confirme, aqui venho eu hoje dizer de minha justiça.

Deixe-me, porém, dizer-lhe *in limine* que nesta questão do fumo, não há, e julgo mesmo que não haverá, possibilidade de fazer chegar a acordo as duas partes: os que fumam, continuarão a fumar porque lhes sabe bem, porque não têm uma vontade suficientemente forte para se libertarem do vício, porque ele os distrai quando nada têm que fazer, e por *muchas cosas mas* (*más* em espanhol e em português...); os que não fumam, porque o não querem fazer, ou porque o acham um vício dispendioso, ou porque entendem que a sua saúde se ressentiria com isso *à la longue*, porque o acham porco, etc. E daqui não há que sair.

Apelar para o testemunho dos médicos? Inútil, sabido como se há umas dezenas que não fumam, há umas centenas que o fazem com deleite. Demonstrar que o fumo intoxica? Também o álcool intoxica, e há muitos milhares de portugueses que dele usam e abusam, conscientemente... Vício caro? Plenamente de acordo; mas quem o tem e não pode dedicar-se-lhe inteiramente, ou apanha «beatas» (*horresco referens!...*) ou fuma de borla... O caso é que fuma sempre. Lutar contra tal vício deve-se fazê-lo entre os jovens, crianças e adolescentes, antes de se lhe entregarem de corpo e alma.

Pessoalmente, tentei entre os meus 17 e 18 anos (parece-me que foi há longos séculos...) adaptar-me ao fumo... por vaidade, confesso. Estavam então em moda os Vanille, de ponta dourada, que eu me envaidecia em exibir, certo de que, se me sentia já homem, o devia ao facto de ostentar entre o indicador e o médio o meu Vanille de luxo. Mas, duas semanas depois de ter começado essa exibição, pus de parte tal luxo, e, até hoje — já lá vão bons 30 anos — não voltei a meter um cigarro à boca. E jamais lhe senti a falta, nem como estimulante intelectual (nunca usei qualquer destes, felizmente), nem como companheiro de ócios (coisa que não sei o que é), nem mesmo para fazer companhia aos amigos, ainda quando à minha volta o ambiente lembre as proximidades de Manchester, como Dickens as descreve pitorescamente nos *Pickwick Papers*.

Naturalmente, não estarei indicado para dizer porque se deve ou se não deve fumar. Como escoteiro, porém, sempre aconselhei os meus camaradas a não fumarem, por razões de ordem higiénica e prática. A cada passo lhes chamava a atenção para o que B.-P. escrevera nos seus livros e lhes citava o depoimento do Chefe, preciso e categórico.

(Conclui na 3.ª página)

Um inquérito do «Sempre Pronto» aos seus leitores

Devem os escoteiros fumar?

(Conclusão da 2.ª página)

No meu tempo, em todos os acampamentos de Escoteiros era interdito fumar e beber bebidas alcoólicas, incluindo o vinho. Mas isso parece ter passado. E não pode o meu Camarada imaginar qual foi o meu pasmo ao ver um dia, nesta cidade aonde chegara de fresco, alguns chefes Escoteiros a fumar e fardados!... Pelos depoimentos já aqui publicados, vejo que até na A. E. P. se não observa o preceito de B.-P. *Sic transit gloria mundi!...*

E no entanto, em três passos, pelo menos, do *Scouting for Boys* ele se manifesta pela interdição do tabaco. A pág. 28 (a minha edição é a 9.ª, datada de 1920) diz:

> «Nenhum rapaz começou algum dia a fumar porque gostasse de o fazer, mas por pensar que isso o fazia parecer um homem. Na realidade, em geral isso fá-lo parecer um burro».

No *Rovering to Sucess* volta a tocar a mesma tecla e transcreve o que deixou dito no seu primeiro livro. E no *Aids to Scoutmastersfiip* insiste no facto de ser aconselhável aos Escoteiros não fumarem; embora desaconselhe que se lhes proíba fazê-lo, sabido como uma proibição peremptória implica automàticamente a sua infracção.

Ora bem. Vejamos um aspecto inédito da questão. Supõe-se que foi Sir Walter Raleigh, o desgraçado colonizador da Virgínia, quem introduziu na Inglaterra e na Europa o uso do tabaco, e até se conta uma anedota curiosa acerca do caso. Raleigh vira os índios peles-vermelhas fumar os seus compridos *calumets,* mas deve ter ignorado que eles apenas o faziam em ocasiões solenes em que tinham de celebrar pactos: eram os famosos «cachimbos da paz», de que havia dantes uma imitação interessantíssima entre os Escoteiros.

Normalmente nenhum índio fumava, por saber que o fumo prejudicava sèriamente a vista e o olfacto, os dois sentidos de que mais careciam para se defenderem dos seus inimigos. Mas Raleigh deve ter achado graça ao fumo a sair pelo nariz do fumador. Daí a imitá-lo ia um passo. Depois ... foi o que se sabe ...

Ora, meu caro Camarada, pensando bem, eu, como homem civilizado reputar-me-ia ser inferior no dia em que, *conscientemente,* metesse na boca um cigarro para imitar... os selvagens. E depois, olhando-me a um espelho, com o meu cigarro entre os lábios, talvez pensasse que fazia uma figura bem ridícula com aquele canudinho de que ia tirando uma fumaça ... para bem passar o tempo. Ridículo e sujo; isto principalmente. E deixe-me dizer-lhe, neste ponto muita culpa têm as mulheres na propagação do vício, pois, não contentes com tolerar que os homens fumem junto delas, empestando os ares com o fumo repelente, ainda foram mais longe, imitando as negras africanas e brasileiras: fumando! Se elas quisessem, nisto como em muitas outras coisas, breve se notaria o decrescimento do vício e, dentro de anos, a sua total extinção.

Concluindo. Pessoalmente não fumo:

1.º Porque acho o fumo coisa imunda,

2.º porque o julgo anti-higiénico, quer para mim, quer para os que convivem comigo,

3.º porque me julgaria ridículo *aos meus próprios olhos* fumando,

4.º porque me sentiria diminuído imitando ... os selvagens,

5.º finalmente, porque é um VÍCIO. Um escoteiro não pode, nem *deve,* ter vícios, sempre consequência do naufrágio da vontade.

Claro que não nutro ilusões quanto aos benefícios supostos do meu depoimento: ninguém que me leia irá deixar de fumar levado pelas minhas razões. Exponho tão sòmente o meu caso pessoal e acorro à chamada.

CAMARADA "SEMPRE PRONTO,,
ANTÓNIO ÁLVARO DÓRIA

Braga, Março de 1951

• • •

Concluído este importante inquérito do «*Sempre Pronto*» queremos expressar o nosso agradecimento a todos os que nos trouxeram o seu depoimento, valorizando este estudo com as suas opiniões. Os nossos leitores serão os juízes dos depoimentos feitos, mas não há dúvida que a condenação do vício do fumo ficou evidente. A melhor prova de que se deve evitar a propagação deste mau hábito, está no comportamento daqueles que fumam. O facto de não aparecerem a dar as suas razões, com uma única excepção, não é por timidez ou receio de expor as suas ideias. Mas porque todos, quer fumem quer não, reconhecem lealmente que não há qualquer vantagem nesse hábito, que nalguns não passa de um hábito mas que noutros é um vício que domina e submete o homem. Estamos certos que se não fosse não quererem dar um conselho que não cumprem, muitos dos nossos leitores que usam o cigarro, aqui viriam dar o seu conselho aos mais novos para não fumarem.

Uma coisa é certa: — Os dirigentes escoteiros não deviam fumar para poderem dar um bom exemplo aos mais novos. Pelo menos, nunca o deviam fazer na presença dos escoteiros, nem nas sedes ou acampamentos. O Escoteiro, mesmo Sénior, quando fardado não deve, por motivo nenhum, fumar, porque isso desprestigia o Movimento. Ainda nesta matéria devíamos escutar o conselho experiente de B.-P. e pô-lo em execução.

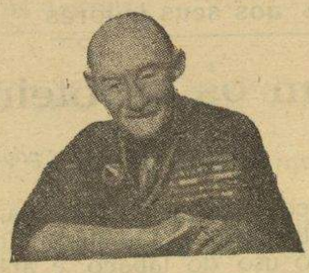
Um novo inquérito do «Sempre Pronto»

Devem os Escoteiros-Seniores substituir o calção-escoteiro?

O problema do calção no fardamento escotista é assunto muito discutido. Entendem alguns que os Seniores deviam usar calça ou calção de montar. Outros opinam que o calção devia ser só para o campo. Ainda outros consideram o calção parte insubstituível do uniforme e característica internacional que se deve manter a todo o custo. Que pensa o prezado leitor? Diga-nos a sua opinião, confie-nos o seu parecer, e nós o daremos a conhecer aos leitores do «*Sempre Pronto*».

A Voz do Chefe

OS ESCOTEIROS DE MOÇAMBIQUE



Os escoteiros das nossas Colónias prestigiavam o país aos olhos dos estrangeiros. Assim os viu B.-P.:

Eis-me em Lourenço Marques; é o porto principal da África Oriental Portuguesa. Já aqui tinha vindo há trinta e nove anos. Dessa vez, assim que desembarquei, tive de baixar à cama com um ataque de febres. Desta vez, na véspera da minha chegada, estava de cama com um ataque de febre! Dizem que a história se repete e parece ser verdade neste caso.

Mas o pior é que à minha chegada os escoteiros e as guias estavam reunidos no cais à minha espera para me desejar as boas-vindas e no momento em que o barco acostou, tanto eu como Lady Baden-Powell estávamos de cama com as febres, incapazes de desembarcar. Contudo, durante a noite eu tinha engulido todos os remédios, drogas e pílulas que pude obter do médico de bordo, o que permitiu, quando esta manhã os escoteiros e as guias organizaram de novo uma parada, levantar-me e envergar o meu uniforme e dirigir-me a terra para lhes passar revista.

Tive vertigens e senti-me por momentos cambaleante, porque esta maldita febre põe um homem em baixo enquanto o diabo esfrega um olho, mas consegui percorrer todas as formações de seniores, escoteiras, escoteiros, lobitos e fadas. Surpreendeu-me, devo dizer, o magnífico porte, a limpeza dos uniformes e o bom aspecto geral que eles evidenciavam, especialmente os seniores, jovens muito desempenados. As numerosas insígnias de especialidades provavam que eles não eram sòmente escoteiros de parada, mas que se entregavam de todo o coração às suas tarefas.

Não tinha razão para me admirar por estes factos, porque dois dias antes havíamos tocado na Beira, outro porto desta colónia portuguesa, onde tínhamos encontrado um grupo de escoteiros que nos deixou a mesma impressão. Visitámos a sua sede e assistimos a um fogo de conselho em nossa honra. Este fogo de conselho foi muito divertido e ainda que não pudéssemos compreender uma única palavra da sua língua, alguns dos seus coros e canções fizeram-nos rir até às lágrimas. Fizeram-nos ouvir solos acompanhados à guitarra e amenizados com cambalhotas e habilidades. Em resumo, trouxemos desta visita aos nossos irmãos escoteiros portugueses uma excelente impressão; sem dúvida que eles se podem comparar àqueles que já tínhamos visto em Lisboa e na Madeira.

Estes escoteiros africanos são igualmente grandes amigos dos seus vizinhos, os escoteiros ingleses da Rodésia e da União Sul-Africana. Acampam juntos e visitam-se uns aos outros. Um forte contigente dos escoteiros portugueses participará no Jamboree da África do Sul, em East-London.

BADEN-POWELL

Romagem dos Antigos Combatentes a La Couture — França

Em 18 de Abril, partiu para França uma numerosa deputação de combatentes portugueses da Grande Guerra de 1914, que foi em patriótica romagem às campas dos camaradas caídos no cumprimento do Dever, na batalha de La Couture e que descansam no Cemitério Português daquela localidade. A deputação, que foi presidida pelo Sr. General Ferreira Martins e de que faziam parte os Srs. Coronéis Bento Roma e José Pascoal, Dr. Sá Vieira e muitos outros combatentes de diferentes pontos do país, teve uma afectuosa despedida na estação do Rossio e em Coimbra.

A romagem ao Cemitério efectuou-se no dia 22, tendo sido colocada ali uma palma de bronze.

Os combatentes portugueses tiveram em França um acolhimento simpático, tendo sido recebidos pelo Presidente Vicent Auriol.

Este número foi visado pela Comissão de Censura.

Dos Amigos do "Sempre Pronto,,

Casamentos — Em Vila Real de Santo António efectuou-se no dia 16 de Abril último o enlace matrimonial da Sr.ª D. Esmeralda de Jesus Sousa Dias com o nosso estimado correspondente naquela Vila, Sr. José Manuel Pereira, Chefe do Grupo de Escoteiros n.º 60.

● Em 24 de Março p. p., no Entroncamento, consorciou-se a Sr.ª D. Isaura Romãozinho com o Sr. Manuel de Sousa Folgado, escoteiro do Grupo de Escoteiros n.º 84.

O «*Sempre Pronto*» formula os melhores votos de muitas felicidades a ambos os casais.

II Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa

Em 27, 28 e 29 de Maio corrente, reúne-se em Lisboa o II Congresso da Juventude Evangélica Portuguesa, no qual tomarão parte delegados de todo o país.

No dia 27 será apresentada ao Congresso uma tese sobre Escotismo, defendida pelo Director do nosso jornal.

Ciência e... Paciência

PROBLEMA N.º 8

AR BAL BRE BRU BRU CA CAR CI CO CIN CRE CTO DA DO DO DOR FRA GRE GRI LA LE LEN LES MA PA PA PRA PRA QUE TA TA TAM TAR TE TE TO TO TO TO TO TRA VOR

Com as 42 sílabas acima, forme 21 dissílabos de 5 letras, cujo significado seja o seguinte:

1 Testo
2 Metal
3 Clamor
4 Ágil
5 Labor
6 Campo
7 Defeito
8 Oração
9 Avisar
10 Convivência
11 Peixe
12 Paixão
13 Fenda
14 Abanico
15 Nevoeiro
16 Cilada
17 Boldrié
18 Rude
19 Professor
20 Planta
21 Débil

Com as terceiras letras das palavras encontradas, forme um provérbio muito conhecido.

Solução do Problema n.º 5

Cromo—limpo—trago—delta—frota—blusa—glote—cobre—crepe—tempo—clava—facto—grave—marca—flama—alvar—breve—fémur.

O mal ou o bem à cara vem.

Solução do Problema n.º 6

24 divisões—cada divisão tem 8 portas e 12 janelas.

Mande-nos as soluções dos problemas
Ainda pode atingir os «20 pontos» e receber o prémio

CORRESPONDÊNCIA

J. L.—Porto.—As regras do nosso Concurso foram publicadas no n.º 63 do «S. P.». Em qualquer altura pode começar a concorrer e ganhará um ponto por cada solução certa. Quando somar 20 pontos tem direito ao prémio: Um livro e respectiva menção nesta secção.

P. J. T.—Lisboa.—Veja o número acima citado. As soluções devem ser remetidas à Redacção dentro de 30 dias após a saída do jornal.

UMA SESSÃO DE PROPAGANDA ESCOTISTA

A convite do Grupo Juvenil de Acção Cristã, da Igreja Evangélica Chelense, o Grupo n.º 94 dirigiu-se a Chelas no Domingo, dia 1 de Abril, tendo efectuado na sede daquela Instituição uma sessão escotista.

A sessão foi aberta pelo Sr. Artur de Araújo, que se referiu ao fim da reunião e apresentou o Grupo 94. Após uma parte devocional, o Director do nosso jornal fez uma palestra expondo as finalidades educativas do Escotismo e os métodos que utiliza para as atingir. O Chefe do Grupo 94, Sr. Capitolino de Macedo, fez a apresentação dos escoteiros que executaram demonstrações de homógrafo, primeiros socorros e transporte de feridos, que comentou e explicou ao público.

Um membro do G. J. A. C. recitou uma poesia patriótica, o escoteiro Mariano Inácio a poesia «O Dragão», e o Grupo 94 entoou algumas canções do seu reportório.

Para encerrar, o Sr. Artur de Araújo manifestou o seu contentamento pela festa efectuada e disse que todo o cristão deve ser um escoteiro e que, assim como o escoteiro está sempre pronto para sarar as feridas do corpo, assim o cristão deverá estar pronto para curar as chagas da alma e levar socorro espiritual a quem dele necessite.

O POW-WOW DO VELHO LOBO

4.ª PALESTRA

Meus Irmãos:

Filha dilecta da Honra é essa tão falada Lealdade, que os nossos tempos quase ignoram ou desprezam. Por isso B.-P. a coloca imediatamente a seguir à 1.ª Lei, quando diz que

UM ESCOTEIRO É LEAL,

acrescentando:

«ao seu Rei, à sua pátria, aos seus chefes, aos seus pais, aos seus patrões ou aos seus subordinados. Deve dedicar-se-lhes através de todas as dificuldades contra todo aquele que for seu inimigo ou mesmo disser mal deles».

E quando, em capítulo especial do seu livro célebre, tão mal conhecido dos Escoteiros portugueses de hoje, se refere à Lealdade, escreve:

«A lealdade foi, acima de tudo, uma das características que distinguiam os cavaleiros. Eles eram sempre dedicadamente leais ao seu Rei e à sua pátria, e estavam sempre prontos e desejosos de morrer em defesa deles. Da mesma maneira o que imita os cavaleiros deve ser leal, não só para com o Rei, mas também para com todos os que estão acima de si, sejam os seus chefes ou os seus patrões, e deve dedicar-se-lhes através de todas as dificuldades como um dever. Se não quer ser leal, e se tem dentro de si algum resto de honra e de virilidade, deve resignar as suas funções».

A clareza destas palavras simples, meus irmãos, dispensa quaisquer comentários. Apesar disso, e porque sei que nunca é demais insistir em pontos de tanta importância para a formação moral dos jovens Escoteiros, vou fazer-vos algumas breves considerações acerca delas.

Assim como há muitas pessoas que, em qualquer circunstância, estão sempre prontas a dar a «palavra de honra», assim também há outras que, a cada passo, nos dizem que poderemos contar com elas *incondicionalmente*. E se chega o momento em que temos de lhes pegar na palavra, logo impõem condições, quando não se negam redondamente a cumprir o que prometeram. Isto já de si é um mal muito grave. Há, porém, pior.

Julgo que nenhum português consciente deixaria de votar ao ostracismo todo aquele que fosse acusado de traidor à Pátria, isto é de *não ser leal* para com ela. A indignação que sentiria perante um facto desses não deixaria de traduzir-se de modo claro e por formas várias conforme o temperamento ou a educação de cada um. E no entanto...

Há rapazes que, ao atingirem a idade militar, buscam mil-e-um pretextos para fugirem ao seu dever para com a Pátria: são, portanto, *desleais*.

Há homens que, consciente ou inconscientemente, pregam ou propagam doutrinas subversivas que negam as pátrias, ou tem em vista submetê-las a potências estrangeiras de exaltados imperialismos: são, assim, também *desleais*.

Há os que, sem necessidades prementes, abandonam a terra dos seus maiores para irem pôr o seu braço ou o seu cérebro ao serviço de outros países, empobrecendo a sua própria Pátria e tirando, tantas vezes, o lugar ou até o pão a um natural da terra onde se estabeleceram. E, em muitos casos, vão mais longe, renegando a sua terra de origem naturalizando-se ou, quando o não fazem, permitindo que seus filhos o façam: são, por conseguinte, *desleais*.

Há os que, por fás ou por nefas, a cada passo imitam os seus avós do século passado, que tantas vezes consideravam o país uma «choldra» ou uma «piolheira» e pasmavam, alvarmente, diante de tudo o que era estrangeiro... só porque não era português: ainda estes são *desleais*.

Cometemos erros no passado? Plenamente de acordo. Mas, meus rapazes, procuremos, com a nossa melhor vontade e energia, resgatá-los no presente. E é tão fácil... Basta querermos.

Cometem-se erros no presente? Ainda estamos de acordo. Mas não os agravemos com a nossa crítica destrutiva. Pensai que somos talvez o povo mais pessimista da Terra e que o nosso pessimismo é que nos tem impedido de ir até onde devíamos ter ido, até onde *deveríamos* ter ido. Não temos crido nas nossas possibilidades, daí o pessimismo. Toda a crítica é admissível, se for construtiva. Não esqueçamos que muitos dos males da nossa Pátria se deveram à doutrinação dos que apenas demoliram, esquecendo-se de, a seguir, construir. Houve arrependidos, é certo. Mas, por tardios, não evitaram o mal. Não os imiteis.

A lealdade para com os superiores — outro aspecto candente da questão. Quantos há que se não coíbem de dizer mal daqueles de quem dependem ou que os sustentam, por inveja mesquinha, por certo ódiozinho vesgo e deturpador, muitas vezes até por aquele prazer tão português de dizer mal de alguém. Independência de espírito? Longe disso, meus rapazes. Quando se é espírito independente dizem-se as coisas de cabeça levantada e em voz clara: não se anda pelos cantos, pelas esquinas, pelos cafés a dizer mal. Faz-se, até, uma coisa melhor: deixa-se de servir aqueles cujos actos achamos censuráveis.

Assim é *desleal* o funcionário público que diz mal do seu chefe, do seu Ministro, do seu Governo; o militar que critica os seus chefes; o empregado que ataca na sombra o seu superior ou o seu patrão; o que pratica, como funcionário, a venalidade ou mesmo a concussão; o padre que diz mal do seu Bispo; o professor que abocanha o seu director ou o seu reitor; o aluno que ridiculariza os defeitos físicos do seu mestre; o que não cumpre integramente os seus deveres de subordinado; o que chega tarde à repartição ou ao escritório, certo de que, se for mais cedo, ganha o mesmo e o diz abertamente; o que divulga segredos de negócio, ainda que estes envolvam deslealdade para com terceiros.

A lealdade manda que, antes de assumir as suas funções, cada um pese bem o alcance das responsabilidades que vai tomar. Que importa que alguns acomodatícios digam que «a necessidade pode muito?» Só o dirão os que não têm sangue a circular nas veias, que lhes não possa subir ao rosto ao sentirem-se desleais. Todo o homem de carácter prefere a pobreza, a indigência mesmo, à abastança, quando esta impõe a quebra daqueles princípios que são timbre da honestidade e da honra. Não são raros, antes pelo contrário, felizmente, os exemplos que demonstram que o que um pode fazer, outro o pode fazer em igualdade de circunstâncias.

Servir, por «necessidade» um superior ou chefe que nos é odioso, depõe contra o servidor, não contra esse chefe. Os de alma pequena não sabem, nem podem avaliar o valor dum sacrifício; só os de alma grande e lavada são capazes de o fazer.

A lealdade também se impõe ao superior para com o inferior: do director para com o funcionário,

(Conclui na 6.ª página)

O «POW-WOW» DO VELHO LOBO

4.ª PALESTRA

(Conclusão da 5.ª página)

do pai para com o filho, do mestre para com o discípulo, do Governo para com a Nação. É uma retribuição mútua, embora a deslealdade de um não justifique a do outro. E, deixai-me dizer-vos *lealmente*, meus rapazes, repulo mais perigoso o exemplo de deslealdade dos que estão em situação superior, em postos de comando, do que a dos inferiores, esta, muitas vezes, é o reflexo daquela, tão certo que o exemplo vem sempre de cima.

Numerosos exemplos de lealdade nos oferece a nossa história, desde os casos famosos de Egas Moniz e de Martim de Freitas, até ao do célebre Conde de Avranches, que se deixou trucidar por lealdade para com a memória do seu amigo D. Pedro. Mas esses são exemplos individuais, que qualquer estudante do Liceu conhece. Um há, porém, que me parece o exemplo mais frisante de lealdade colectiva que possa em qualquer tempo ou lugar encontrar-se: o da fidelidade do povo de Portugal ao rei D. Sebastião, quando tudo o dava por morto, e a traição de uns, a venalidade de outros e a cobardia de quase todos entregavam a Pátria aos terços de Filipe II. Raro exemplo de lealdade para com um Rei, lealdade que ultrapassou o próprio tempo porque veio quase até aos nossos dias. Pelo menos ainda há anos havia «sebastianistas» que acreditavam piamente na volta do Rei amado... Da lealdade a um Rei nasceu uma nova religião — o Sebastianismo —, que pode considerar-se a mística da Raça e a religião da Saudade.

Meus rapazes:

Sede leais para com todos, não apenas para cumprirdes o artigo da Lei como Escoteiros que sois, mas acima de tudo porque a lealdade vos fará recalcar bem dentro de vós todas as más ideias, todos os maus impulsos que uma contrariedade pode originar.

Mas não vos esqueçais de ser leais para *convosco mesmos*, talvez a forma mais difícil dessa lealdade que vos apregoo. Esta lealdade deve levar-vos com frequência a um auto-exame: — Que fiz hoje que mereça censura? Como hei-de reparar o mal que fiz aos outros? Como poderei amanhã corresponder à confiança que em mim depositaram? Cumpri o meu dever *completamente?* Estarei, na realidade, a produzir, a fazer algo de que amanhã não me possa envergonhar? Não estarei a ser desleal com meu pai fingindo que estudo, ou não estudando como devia? Terei de facto, forças bastantes para vencer as provas que me esperam? Poderei ajudar meus pais a educar os meus irmãos mais novos?

E muitas outras perguntas deste género, que vós podereis fazer-vos à noite, quando estiverdes *a sós com vós próprios.* Aconselho-vos, meus rapazes, esta espécie de exercícios espirituais, a que chamarei, à falta de melhor termo, «autoscopia». Examinarde-vos no silêncio do vosso quarto, à noite, olhando o céu far-vos-á melhor do que quantas meditações vos impuserem sobre um livro sonolento.

Para vós, Escoteiros, não há momento mais azado do que no campo, ao cair da noite, quando a Natureza vai adormecendo, a névoa começa tènuemente a subir, os ralos fazem sentir a monotonia da sua melopeia, a Lua banha tudo com a sua luz láctea, a fogueira crepita no meio do acampamento, a sentinela vela encostada à vara e a calma infinita do Grande Todo parece envolver toda a Terra a impor aos homens uma paz que eles teimam em não querer.

É esse o momento azado. Meditai.

Deixo-vos.

O Velho Lobo Negro do Norte

E. C. D.

Posse dos novos corpos gerentes da A. E. P.

Presidida pelo Sr. Dr. Cortês Pinto, secretariado pelo Sr. Ernesto Clímaco do Nascimento, Chefe Regional do Centro, realizou-se em 20 de Abril p. p., a posse dos novos corpos gerentes desta Associação, que ficaram assim constituídos:

Presidente Interino e Chefe Geral, Sr. Eng. José Maria Nobre Santos;

Secretário Geral, Sr. Eng.º José Ferreira Amaro;

Tesoureiro Geral, Sr. Amadeu Cândido Martins.

O Sr. Dr. Cortês Pinto, Presidente do Tribunal de Honra da A. E. P., felicitou os novos dirigentes, desejando-lhes as maiores prosperidades na continuação da grandiosa obra, que é o Escotismo.

O Chefe Regional do Centro, em breves palavras, exprimiu o seu agrado pelos elementos que vinham superintender aos Escoteiros de Portugal, desejando-lhes também felicidades no seu trabalho e solicitando uma maior colaboração de todos os Grupos no trabalho da A. E. P.

O Sr. Eng.º Nobre Santos, agradecendo as palavras do Sr. Dr. Cortês Pinto e do Sr. Ernesto Nascimento, definiu as novas directrizes que a A. E. P. deve tomar, no sentido de se verificar uma rápida evolução no Movimento Escotista Português.

Estiveram presentes representantes dos Grupos n.os 1, 5, 9, 13, 53, 85, 93, 94 e 99, e receberam-se felicitações dos Srs. Luís G. T. Lemos, Eduardo Ribeiro e António Calhau.

O CORPO NACIONAL DE ESCUTAS ORGANIZA-SE EM ANGOLA

Com a devida vénia transcrevemos da página escotista das «Novidades», *a seguinte e importante notícia:*

Na Junta Central acaba de ser recebida uma proposta assinada por S. Ex.ª Rev.ma o senhor Arcebispo de Luanda, apresentando a constituição da nova Junta Regional do Escotismo em Angola.

Animadora a todos os títulos para o C. N. E. a atitude expontânea de um Prelado que toma à sua conta levantar nas nossas províncias ultramarinas o movimento do Escotismo católico, ficando ele próprio como Assistente Regional, colaborando desta forma, como Autoridade religiosa, ao lado do Sr. Comandante Fonseca Lourenço, Chefe Regional.

Está de parabéns o C.N.E. e Angola também. Feliz data esta, e mais uma vez e sempre: graças a Deus.

Reunião de Confraternização Escotista para comemoração do 39.º aniversário do Grupo n.º 1

No dia 9 de Abril passou o 39.º aniversário da fundação do Grupo n.º 1 da A. E. P., que realizou uma pequena festa comemorativa com a presença do Chefe Regional do Centro, e deputações dos Grupos n.os 1, 2, 13, 53, 79, 85, 93 e 94, e ainda de alguns escoteiros franceses.

Nos terrenos anexos à A. C. M. efectuou-se um fogo de conselho, tendo os escoteiros entoado várias canções. No ginásio, o Chefe do Grupo em festa, proferiu algumas palavras alusivas ao Movimento Escotista em Portugal, seguindo-se um Compromisso de Honra, leitura da O. S. e concessão de provas de classe e insígnias de capacidade.

No final os escoteiros recitaram e cantaram algumas canções, exibindo-se em cânticos em espanhol e italiano, que muito agradaram à assistência.



Grupo n.º 6 — Olhão

Por iniciativa da Câmara Municipal, realizou-se em Olhão, na Avenida da República, nos dias 4, 5, 6 e 11 de Fevereiro, um desfile de carros alegóricos e batalha de flores, cujo produto reverteu para a assistência local.

Este Grupo tomou parte, apresentando um carro que simbolizava o Escotismo em em luta contra o Mal.

Estiveram a cargo dos nossos escoteiros os serviços de venda de bilhetes e fiscalização de entrada no recinto. O nosso departamento da D. A. F. colaborou também vendendo bilhetes aos ocupantes dos prédios daquela Avenida.

● Apesar do tempo chuvoso, realizou-se no dia 18 de Fevereiro um bivaque do Grupo, na Mata dos Eucaliptos, tendo comparecido 33 escoteiros.

● Em 25 de Fevereiro, 27 escoteiros das patrulhas juniores deste Grupo deslocaram-se à Mata da Conceição de Tavira.

● Em 4 de Março, bivacaram no Mato do Joinal, as Patrulhas «Galo», «Andorinha», «Águia» e «Egas Moniz».

Comemorando a passagem de mais um aniversário do nascimento do Infante D. Henrique, o Chefe Adjunto do Grupo, após o repouso que se seguiu ao almoço, fez uma prelecção sobre aquela figura da nossa História, demonstrando a sua influência nos descobrimentos e a importância destes no desenvolvimento da civilização cristã.

● Em 18 de Março, por pedido da Comissão Municipal de Assistência, os nossos escoteiros, com a colaboração da D. A. F., procederam a um peditório de cigarros para os pobres de Olhão, durante o desafio Olhanense-Sporting, na Estádio da Padinha.

● Para abertura da época de acampamentos, acamparam no Mato Joinal, em 24 e 25 de Março, as Patrulhas «Galo», «Andorinha» e «Águia». Dirigiu esta actividade, para efeito de obtenção da insígnia de campista, o guia da primeira daquelas patrulhas, Fernando Manuel Gomes Simões.

Apesar da prematuridade da época, a noite de sábado esteve esplêndida, sem frio excessivo e de luar deslumbrante.

Foi um começo.

● Em 27 de Março, levou-se a efeito mais uma reunião geral mensal do Grupo, cujo programa foi o seguinte:

—Palavras proferidas pelo Chefe Adjunto do Grupo, sobre o comportamento dos escoteiros fora da Sede e o seu reflexo no prestígio dos Grupos e, portanto, do Movimento;

—Revista de uniformes;

—Leitura de uma cópia do Relatório da viagem de propaganda pelo Algarve, empreendida pela Patrulha «Leão» do Grupo n.º 1, em Janeiro de 1925, do que resultou a fundação do Grupo n.º 6. Este documento, que é ilustrado com várias fotografias, foi amàvelmente oferecido pelo Chefe Sr. J. Amâncio Salgueiro Júnior, que chefiava aquela missão de propaganda, tendo sido este documento colocado agora em vitrina própria.

Actividade de conjunto dos Grupos 6 e 77

Por iniciativa do Grupo 6, efectuou-se, em 1 de Abril, um bivaque em conjunto com com o Grupo n.º 77, no Mato Joinal.

A distância conveniente, bivacaram também os Lobitos do Grupo de Olhão e algumas auxiliares da D. A. F.

Este bivaque foi mais um pretexto para confraternização dos dois Grupos vizinhos do que um motivo para trabalho escotista apesar de se ter cumprido rigorosamente o programa de actividades elaborado prèviamente.

Após o repouso, no tempo destinado a palestras, o Chefe Adjunto do Grupo agradeceu aos escoteiros do 77 a sua vinda e, depois de um ligeiro inquérito sobre classes e capacidades, exortou-os a trabalharem com afinco no sentido de reorganizarem e elevarem o seu Grupo, podendo contar com o apoio do «6», pois os 10 km., que separam um Grupo do outro, nada são, quando existe boa vontade.

Das 16 às 17,30 horas, fizeram-se vários jogos escotistas, em conjunto, sob a direcção daquele dirigente, os quais decorreram no meio do maior entusiasmo e alegria.

Ao içar e ao arriar das Bandeiras, formaram 76 elementos — tantos eram os escoteiros, escoteiras e lobitos que se encontravam no campo.

Foi uma actividade muito interessante sob o ponto de vista de camaradagem.



RECORTE

OS HERÓIS

Os heróis são excepções monstruosas da nossa natureza; podemos vangloriar-nos de vermos os seres da nossa espécie exceder as condições ordinárias da nossa existência, mas essa vaidosa satisfação custa sempre cara. Os heróis são uns filhos pródigos da natureza e da sociedade, que dispõem, em proveito das suas paixões, do oiro, do sangue e da honra do mundo; que sacrificam aos seus caprichos quanto há nele de mais santo, de mais nobre e de mais simpático, e a Providência, que castiga sempre, ainda que por diversos modos, os que esquecem a humildade do berço comum, ou lhes esconde a lousa da sepultura para que os deslembrem, ou lha deixa apontada à indignação pública para que os aborreçam.

As ondas tocadas de tempestade batem furiosamente no penhasco que as assoberba. Nesta lide atropelam-se, amontoam-se; sobem uma sobre as outras, repetem assim os ataques, redobram os arremeços, até que galgam à altura onde a resistência as levou, e de lá, fatigadas e desfeitas em espuma, caem no mar de onde saíram, no mar que lhes dera a força, no mar em que se tornam. Os heróis são estas cataratas passageiras, estes cachões espumosos. O mar é a humanidade; como ela largo, vasto, imenso, como ela querendo sempre saltar fora das suas barreiras, fugir às leis que o domesticam, e voltando sempre, apesar da sua inquietação, aos princípios de harmonia natural a que perpètuamente está sujeito, e para conservar os quais foi criado. E serenada a tempestade, que resta dos penhascos em que as ondas já não batem, que o mar apenas roça, que já não atraem as nossas vistas pela luta que sobre eles se travara? Pedras de irregular conformação, sem belezas que satisfaçam a nossa curiosidade, nem excitem o nosso pasmo.

JOSÉ ESTÊVÃO

Trecho do seu célebre discurso sobre o caso da barca francesa «Charles et Georges».

COLECÇÃO DO «SEMPRE PRONTO»

6 anos, artìsticamente encadernada, num só volume, papel especial

Vende-se pela maior oferta a favor do cofre do nosso jornal

Os pretendentes devem fazer a sua oferta à Administração do «Sempre Pronto»

BALCÃO ESCOTISTA

Fardamento e algum material de campismo, vendo em conta. Rua de Santa Marta, 18, 1.º Esq.º—Lisboa.

COMEMORAÇÕES DO 9 DE ABRIL

OS ESCOTEIROS DE SINTRA FORAM À BATALHA

Como nos anos anteriores, o Grupo n.º 93 de Sintra, dos Escoteiros de Portugal, fez deslocar à Batalha, uma patrulha de ciclistas, este ano constituída pelos escoteiros Miguel Raposo Bicho, subchefe do Grupo, Fernando Garcia e Luís Filipe de Oliveira, que foram portadores da tradicional bilha com azeite, oferecido pelos comerciantes de Sintra, para a «Chama da Pátria» no túmulo do Soldado Desconhecido.

A referida bilha foi executada por José P. Parracho, desta vila, e ornamentada, com uma espia, no género escoteiro, por elementos do Grupo 93.

* * *

Tomar—Vindos da Batalha, onde foram depor uma bilha de azeite na campa do Soldado Desconhecido, no passado dia 9 de Abril, passaram por Tomar em visita ao Grupo 36 da A. E. P., onde pernoitaram, os escoteiros Miguel Raposo Bicho, Fernando Garcia e Luís Filipe de Oliveira, respetivamente subchefe e guias do Grupo 93 de Sintra.

Seguiram em 10 a caminho de Santarém onde tencionavam pernoitar, para seguirem depois para Sintra.

Os escoteiros do 36 receberam os seus irmãos do 93 com grande alegria tendo-lhes apresentado à partida votos de boa-viagem.—C.

O "SEMPRE PRONTO"

Vende-se em Lisboa na

Tabacaria Boa-Hora

Rua Nova do Almada, 46

ESSES GRUPOS!...

Quando um grupo não marcha como é devido, quando carece de espírito escotista ou lhe falta moral para o trabalho, quando os seus componentes não parecem escoteiros, mas antes um magote de amigalhaços enfastiados e sem vontade; quando os rapazes mostram mais interesse pelo cinema ou pelo futebol que pelas actividades da sua Patrulha, quando, enfim, «aquilo» é qualquer coisa menos um Grupo, é que indubitàvelmente existe alguma engrenagem que não funciona devidamente. Porque o Método Escotista provou a sua eficácia em todos os climas, em todos os tempos e com rapazes de todas as espécies desde há 40 anos, e sem em algum lugar fracassar, não podemos atribuir a deficiências do sistema, senão que haverá que pensar em que há erros de aplicação.

Muitas podem ser as causas do mau funcionamento do Grupo, da sua escassa moral, porém pode afirmar-se sem medo de errar que 95 % delas são imputáveis a uma má direcção, à existência à frente do Grupo de um Chefe escotistamente mau, carecendo do necessário adestramento para cumprir com êxito a sua importante missão. E sem Chefe ou, o que é igual, com um Chefe incapaz, o Grupo poderá ir-se mantendo em estado latente mais ou menos tempo—segundo se desgostam os rapazes—porém carecerá de verdadeira vida escotista.

Depois de existirem tantos anos no país como entidade cívica e educadora, é altura de prestar a necessária atenção a esses Grupos que fenecem na passividade, esses Grupos que só cobram uma falsa aparência de vida quando se trata de acudir a alguma festa, organizar um bailezito, ou impor uma estrela de antiguidade ao filho do amigo do Chefe.

O Método Escoteiro é movimento, actividade, trabalho, entusiasmo. Todo ele, para que se não converta numa nova Torre de Babel, precisa de ser integrado num programa, programa flexível, modificável segundo se desenrolem as coisas ou surjam iniciativas interessantes, porém, programa pensado, planeado, revisto e, sobretudo, realizado.

É preciso que os Chefes se percatem bem de qual é a sua missão e a responsabilidade em que incorrem ante Deus, a Pátria, a Sociedade e o Escotismo, ao aceitarem o encargo honroso de orientar um punhado de rapazes pelo caminho do bem e da felicidade. Há que ser Chefe, porém, de verdade, não desses que só sabem de Escotismo que é algo que inventaram os ingleses, que os rapazitos se vestem com um uniforme bastante bonito, que uma tarde por outra se vai um bocado ao campo a comer um empadão de batatas sentado à sombre de uma árvore, e que em dia de festa na vila se pode brilhar nas ruas à frente dos rapazes formado à maneira militar. Queremos Chefes de verdade; e assim como para ser Professor de Matemáticas é necessário estudar o curso, também para ser Chefe Escoteiro é preciso estudar, interessar-se pelo que é Escotismo como doutrina e a sua aplicação na prática educativa.

Um Grupo é algo muito precioso algo demasiado interessante para deixá-lo submetido à incapacidade do primeiro senhor – excelente pessoa cheia de boa vontade — que venha à rua dizer que quer «cooperar na nossa obra». Quando estamos doentes procuramos o auxílio do médico, não de um senhor cheio de boa vontade e de excelente conduta. Porque será que quando se precisa de um Chefe não se comprova também se «tem títulos»?

Já sei que a falta de Chefes capacitados é o maior problema que enfrenta a Associação, e que a sua resolução não é coisa de um par de dias. Porém, fez-se alguma coisa para encarar de frente o problema? Não chegaremos tarde se se vai deixando para o outro dia? O ideal é a celebração frequente de cursos segundo o plano de Gilwell, tal como se está fazendo no Brasil e outros países sul-americanos. Porém, enquanto isso não chega, é imprescindível que cada Chefe leia, estude, pergunte, discuta, se inteire por conta própria do que é o Escotismo. Isso pode fazer-se num âmbito local ou regional, de um modo planeado, no estilo de Mesas Redondas de Seniores. Não é possível, em cada cidade, que todos os Chefes se reúnam uma ou duas vezes por mês e falem de Escotismo? Se os Chefes têm um mínimo de boa vontade, de amor às nossas coisas, o assunto é facílimo. Neste aspecto possuo uma grande experiência pessoal, forjada em condições terrìvelmente adversas, e que, escotistamente, não desejo aos meus irmãos portugueses.

O que é indubitável é que há que fazer algo e fazê-lo de pronto, para infundir vitalidade a esses Grupos que se apagam lentamente; e também a esses outros que, sem míngua de efectivos, carecem por completo dos valores morais necessários para que nos sintamos orgulhosos deles.

O Escotismo é muito fácil, muito simples; tão simples como a alma das crianças. Talvez por isso pareça difícil a alguns; a esses que se esquecem que B.-P. criou este método para os rapazes, nunca para os Chefes.

Há algo essencial, básico no Escotismo, pelo mesmo que é algo consubstancial da juventude; actividade de ar livre, de campo, com frio ou com calor, com chuva e com sol, de dia e de noite. Esqueçamos um pouco as lições de morse na sede do Grupo. Movei os rapazes, que joguem, fazei-os intervir activamente nas coisas do Grupo através das suas Patrulhas, e o êxito virá então.

ENRIQUE GENOVÉS
«OJO DE LINCE»

Janeiro de 1951

Alguma coisa por fazer

Quando um dia
na calçada da rua vires,
de rotas coberturas, sujos andrajos,
alguém t'estendendo a mão calejada...
não fiesites,
Homem,
e estende a tua mão
e ampara a desgraça.

Quando no teu passeio
a alguém apertando o braço,
encontrares uns vivos olhos
em faces fundas... e magras embutidos,
não tornes a cara p'r'ò lado,
Homem,
e deixes passar a desgraça, indiferente.

Só quando tu,
Homem,
compreenderes:
que não é só dando esmola, por piedade,
que não é só lamentando a miséria andrajosa
e muda,
que não é só chorando pelos infelizes desgraçados da calçada da rua...
mas fazendo alguma coisa mais por eles,
é que o mundo s'endireitará,
e em cada casa fiaverá pão,
e em cada corpo fiaverá vida,
e cada ser andará vestido...
só então,
Homem,
viverás tranquilo e satisfeito,
e bendirás a fiora em que nasceste.

TRISTÃO DE MELO

Do «*Itinerário*»—Lourenço Marques

O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

FRANÇA

Os Escoteiros Seniores «Scouts de France», convidam os roteiristas estrangeiros, que pensem visitar a França no próximo verão, a combinarem com antecedência os itinerários que projectem, a fim de que, durante três dias, juntamente com as patrulhas de outros locais da França e do estrangeiro, se possam encontrar e confraternizar.

O primeiro encontro realizar-se-á nos dias 28, 29 e 30 de Julho, nas imediações de Sainte-Odile, em Estrasburgo (Alsácia).

O segundo nas imediações de Chaise-Dieu, Puy (Auvergne) dos dias 11, 12 e 13 de Agosto próximo.

O Comissário das Relações Internacionais de «Scouts de France», Sr. Pierre Delsuc, em colaboração com o Comissário das Relações Internacionais da Associação dos Escoteiros de Portugal, fornece todos os informes respeitantes a tão importantes jornadas de confraternização escotista.